

A memória e o arquivo produzindo sentidos sobre o feminino

Soraya Maria Romano Pacífico
Lucília Maria Sousa Romão

RESUMO

Este artigo objetiva discutir o papel da memória e a constituição do arquivo na perspectiva do discurso, tendo como tema a trajetória da mulher nas décadas de 1950 a 1990. A partir dos trabalhos de Ginzburg, Pêcheux e Orlandi, interpretamos alguns indícios em fotos de família colhidas dentro de um acervo particular de uma família do interior de São Paulo. Nas fotografias escolhidas havia enunciados e inscrições no verso, que nos convidaram a analisar os sentidos construídos sobre o feminino, em três gerações de avós, mãe e filhas e que nos fizeram acreditar que a teoria do discurso pode oferecer uma contribuição pontual aos estudos sobre os lugares e os modos como memória se condensa e se materializa. O corpus de nossas análises permite inferir que houve deslizamentos de sentidos no discurso e na imagem de/sobre a mulher, em princípio ligada à casa e às tradições, depois, ligada ao céu e ao horizonte, espaços possíveis para significar-se e para romper com sentidos que a ligavam tão somente à vida privada.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivo. Memória. Discurso. Ideologia. Sentido. Mulher.

“Quando o médico e o velho da venda preta entraram na camarata com a comida, não viram, não podiam ver, sete mulheres nuas, a cega das insônias estendida na cama, limpa como nunca estivera em toda sua vida, enquanto outra mulher lavava, uma por uma, as suas companheiras e, depois a si própria.”

Saramago, 1998

1 Introdução

Falar da condição feminina nos remete a um passeio por discursos que se enredam e cruzam pelos fios da memória, indicando representações socialmente aceitas por regiões de dizer e poder; marcando lugares que foram legitimados em situação de embate e luta e abrindo poros de resistência que, aos poucos, foram desvelando e inscrevendo sentidos. O jogo das contradições sociais e as marcas de interdição e reivindicação de direitos e espaços de expressão muitas vezes impedem que as mulheres sejam vistas e lidas pelo seu traçado de conquistas, inscrevendo-as, ainda hoje, ora como mote para venda de cerveja e/ou celular, como peça de adorno e como cabide de penduricalhos da moda, ora como mão-de-obra mais barata do que a masculina, força produtiva e/ou alvo de violência.

Assim, temos uma posição, que muitas vezes se quis calar, posto que coberta no corpo e silenciada nas formulações seria mais fácil a sustentação do que a narrativa de Saramago nos aponta: “[...] não viram, não podiam ver”. Nesse artigo, pretendemos esboçar, à luz da análise do discurso de matriz francesa, gestos de leitura sobre o papel da memória e a questão do arquivo em relação à posição da mulher, interpretando uma seqüência de três fotos coletadas em um acervo pessoal de álbum de uma família do interior de São Paulo. Após visitas e contato com os responsáveis pelo acervo, escolhemos um corpus pequeno com três fotografias que apresentavam inscrições no verso e que serão lidas e entendidas aqui a partir de um conjunto de referências teóricas filiadas aos trabalhos de Pêcheux (1969), Orlandi (1996) e Ginzburg (1989). Pretendemos, assim, sustentar que a noção de arquivo e memória não

dizem respeito somente a grandes acervos institucionais nem a fartos conjuntos de dados, mas corporifica-se também no cotidiano de coleções familiares, muitas vezes guardadas em casas comuns e simples, anônimas e pouco ou nada veiculadas. Por fim, buscamos ler, no arquivo discursivo, indícios do funcionamento da ideologia, da historicidade e da memória, discutindo como conceitos tão capilares se cruzam nos atos de linguagem e como eles podem contribuir para o campo das ciências que lidam com a informação e a documentação.

2 Memória e arquivo na perspectiva discursiva

O início dessa discussão é o manual dos arquivistas holandeses Muller, Feith e Fruin (1898), que coloca a Arquivística em uma posição histórica de destaque, fundamentando-a como disciplina marcada pela tarefa de tornar acessível a informação não somente para o público estudioso, mas também para a população menos comprometida com o fazer científico. Segundo Silva, Ribeiro, Ramos e Real (1998, p. 116), “embora estejam ausentes alguns temas que a evolução do pós-guerra acrescentou à disciplina, pode-se afirmar que a fundamentação teórica e a grande maioria das recomendações nela contidas permanecem irrepreensíveis”. Buscaremos analisar um recorte do documento holandês para compreender quais sentidos são construídos sócio-historicamente para arquivo:

Arquivo é o conjunto de documentos escritos, desenhos e material impresso, recebidos ou produzidos oficialmente por determinado órgão administrativo ou por um dos seus funcionários, na medida em que tais documentos se destinavam a permanecer na custódia desse órgão ou funcionário. (SILVA; RIBEIRO; RAMOS; LEAL, 1998, p.116)

Arquivo é definido pela sua relação com a instituição que o organiza, guarda e disponibiliza; assim, temos uma injunção ideológica que faz falar um modo de conceber o arquivo, a saber, desenhando-o como um centro controlador, um núcleo organizado de modo sistemático, ordenado segundo

critérios pré-estabelecidos, no qual há um conjunto de profissionais competentes prontos a manuseá-lo. A noção de que os documentos devem corresponder à ordem original, de que não podem ser fragmentados, de que precisam ser pensados em relação a sua “destinação” e recebem o seu lugar em função dela, prevê o arquivo sob custódia de um órgão ou de alguém. Na esteira dessa visão, Paes (2002, p. 16) afirma:

ARQUIVO- É a acumulação ordenada dos documentos, em sua maioria textuais, criados por uma instituição ou pessoa, no curso de sua atividade, e preservados para a consecução de seus objetivos, visando à utilidade que poderão oferecer no futuro. [...] Observa-se, então, que a finalidade das bibliotecas e dos museus é essencialmente cultural, enquanto a dos arquivos é primordialmente funcional, muito embora o valor cultural exista, uma vez que constituem a base fundamental para o conhecimento da história.

Nesse modo de dizer, o arquivo é apresentado de modo funcional, ou seja, tem como objetivo central o funcionamento como acervo de dados, como referência material de documentos agrupados, como lugar da ordenação de textos ou imagens. A conservação da ordem do acervo, a preocupação com a classificação, o conhecimento entre as unidades de documentos, a aplicação de métodos descritivos ao conjunto de documentos selecionados e a preservação dos “objetivos funcionais” também são destacados pela autora.

Outra autora que trazemos para o debate é Bellotto (2004, p. 273), que põe em relevo a questão dos arquivos permanentes e sua relação com a memória:

Começa-se pelo arquivo: trata-se de toda a documentação da constituição do órgão e do decorrer de sua vida funcional. Em seguida, o material técnico-científico, que pode ser de arquivo ou não. Além disso, há as manifestações nos meios de comunicação: recortes de jornal, gravação de noticiários, fotos etc. Tudo isso e muito mais deve ser captado para realmente se conseguir montar a memória do órgão público.

Nesse recorte, temos um modo de entender o arquivo como montagem de uma memória, como construção, como recuperação de dados pertinentes a um órgão, como constituição de um recorte, no qual é possível e permitida a entrada de diversas materialidades simbólicas como fotografias, textos

jornalísticos etc. O arquivo, assim, seria o lugar em que muitos documentos se cruzariam, unindo material técnico, científico ou não.

Tendo apresentado três visões, complementares, sobre o arquivo, consideramos que há uma regularidade de pensá-lo em sua materialidade física, como acervo de objetos, documentos, imagens e textos, que reclamam guarda, tratamento e disponibilização. Gostaríamos de contribuir com o debate, apresentando o conceito de Pêcheux (1997) sobre o arquivo e deslocando a questão do acervo em sua instância material para um lugar teórico que leve em conta a memória discursiva e a teoria do discurso.

Os dizeres sobre, os discursos a respeito de e o saber discursivo têm o poder de instalar e fazer circular certos modos de compreensão, leitura e interpretação da realidade e do mundo. Assim, o conceito de memória discursiva (PÊCHEUX, 1999) inscreve, não apenas um campo inaugural nas teorias linguísticas, mas também uma rica ferramenta analítica para os estudos dos dizeres e sentidos sobre o significante arquivo. Segundo Orlandi (1999, p. 32), “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas.” Melhor dizendo, falamos com palavras já carregadas de sentidos, já marcadas por significados cunhados no bojo de relações sociais, o que nos permite inferir que há sempre um já-lá (PÊCHEUX, 1999), ou seja, uma memória de/do dizer, anterior ao ato da enunciação do sujeito (PÊCHEUX, 1969). Essa memória, que não pode ser traduzida como sinônimo de arquivos, museus, acervos etc, posto que não é física nos planos material e institucional como vimos anteriormente, mas é discursiva, isto é, entendida como um saber sobre, como uma superfície de sentidos já dados anteriormente e como condição para que a língua funcione e faça sentido. Conforme Pêcheux, (1999, p. 52):

[...] memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Desse modo, para que nossas palavras façam sentido, é preciso que elas já tenham sido ditas e reditas em outros contextos sócio-históricos em uma espiral da qual não se tem o início nem o fim e, dessa forma, a qual não se pode classificar, ordenar, sistematizar e alocar com precisão. Pode-se, sim, rastrear as relações entre os significantes e os contextos das condições de produção do sentido, pode-se mapear os deslocamentos de sentidos percorridos por zonas dessa memória, buscando interpretar a língua em funcionamento e tatear, o quanto se tem a ilusão de poder, o que Foucault (1998) chama de “voz sem nome”.

Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível. (FOUCAULT, 1998, p. 6)

Essa concepção da memória do dizer nos conduz ao conceito de arquivo, cunhado por Pêcheux (1997, p. 56) e “[...] entendido em sentido amplo como campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. Tal campo não diria respeito a um grupo de documentos físicos a serem guardados em gavetas ou prateleiras, mas a zonas da memória a que o sujeito do discurso teve acesso, a espaços de dizer a que ele já se submeteu anteriormente e, por fim, a regiões do já-la às quais se filiou em outros momentos e nas quais buscou “a voz sem nome” para significar-se. “Assim começaria a se constituir um espaço polêmico das maneiras de ler, uma descrição do 'trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele mesmo, em uma série de conjunturas, trabalho da memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma.’” (PÊCHEUX, 1997, p. 57), acrescenta o autor no mesmo trabalho, marcando, ainda, que:

A outra vertente da leitura do arquivo sem a qual a primeira não existiria provavelmente como tal tem aderências históricas completamente diferentes: trata-se do enorme trabalho anônimo, fastidioso, mas necessário, através do qual os aparelhos do poder de nossas sociedades gerem a memória coletiva. (PÊCHEUX, 1997, p. 57)

Sustentadas pelo referencial teórico que toma a memória e o arquivo do ponto de vista do discurso, passamos a uma reflexão sobre o paradigma

indiciário, que leva em conta a interpretação de pistas aparentemente desprezíveis, significando-as à luz de suas peculiaridades.

3 Indícios que fazem falar e que permitem ver

O trabalho de Ginzburg (1989, p.143) nos apresenta uma reflexão sobre um modelo epistemológico que, “[...] por volta do final do século XIX, emergiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas, ao qual até agora não se prestou suficiente atenção”. O autor volta o seu olhar (e o nosso também) para uma série de artigos e críticas sobre a pintura italiana, publicados entre 1874 a 1876, assinados pelo médico Morelli, que buscava um novo modo de atribuição das obras plásticas aos seus pintores. Fugindo da avaliação panorâmica das telas, ele pretendia colocar em evidência não os aspectos mais vistosos e pomposos, que marcaram a obra dos pintores de então, mas sinalizava ser fundamental “[...] examinar os pormenores negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés” (GINZBURG, 1989, p.144).

Ao tomar como dado passível de interpretação aquilo que era considerado secundário e menor e que era tido como desprezível e residual, esse paradigma aponta ser necessário “apreciar os pormenores”, o que está nas margens, escapando por entre as frestas das pistas e indícios de sentido como se comporta um caçador de pistas, um detetive. “O conhecedor de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria” (GINZBURG, 1989, p. 145)

Da mesma forma, consideramos que na materialidade lingüística e visual, há indícios do funcionamento da ideologia e da memória que precisamos tatear e inscrever como sentidos em movimento. Tocamos não o conteúdo como um dado já colocado no texto a ser decodificado, mas perceber as pegadas do sujeito deixadas pelo seu rastro de incompletude, pelas suas hesitações e repe-

tições, pelos silêncios e espaços intervalares de seu dito, que instalam discurso, posições e efeitos a ser lidos.

A proposta de um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores (GINZBURG, 1989, p.149) nos apresenta um caminho já muito percorrido pela espécie humana. Desde o mais remoto estado da vida primata, o homem leu, na natureza e nos sinais dela, os vestígios significativos para sua sobrevivência. A acuidade de observar pêlos, plumas, couros, secreções, pegadas, odores deixados na terra engendravam estratégia de proteção em ambiente hostil. Para caçar, a leitura desses sinais valia refeições ou fome. Assim, o homem “[...] aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas” (GINZBURG, 1989, p. 151). Ginzburg passeia, ainda, por outras manifestações históricas em que o paradigma indiciário esteve no cerne das práticas sociais; por fim, o autor sentencia que: “[...] uma coisa é analisar pegadas, astros, fezes (animais ou humanas), catarros, córneas, pulsações, campos de neve ou cinzas de cigarro; outra é analisar escritas, pinturas ou discursos”. (GINZBURG, 1989, p.171)

Como nos interessa analisar discursos, marcamos que a grande diferença nos parece ser o papel da memória (PÊCHEUX, 1997) inscrito nos e sustentador dos atos de linguagem. A compreensão de que as palavras guardam a tatuagem caudatária dos lugares sociais que elas percorrem, onde elas circularam; a certeza de que a entrada no simbólico reclama o interdiscurso e o postulado de que todo discurso ressignifica e atualiza zonas da memória são peças fundamentais para o gesto de leitura e interpretação como o estamos defendendo.

Ao ler pistas, sinais e indícios do funcionamento da ideologia, memória e sujeito sobre o feminino, pretendemos analisar, a partir de um acervo pessoal com fotos de família, alguns pontos da trajetória da mulher nas décadas de

1950, 1960, 1970, 1980 e 1990, compreendendo três gerações de avós, filhas e netas. Com isso, buscamos interpretar as figuras do feminino e as posições que fazem circular os efeitos do que é ser mulher; efeitos que, para nós, não são únicos, mas um dentre vários, plurais e polissêmicos.

4 Os sentidos sobre o feminino

Do que estamos discutindo, neste artigo, entendemos que os conceitos de arquivo, aqui apresentados, fornecem aparato teórico para a análise de antigas fotos de família, pois apoiadas em Bellotto (2004) podemos entender que as velhas fotografias de família constituem a montagem da memória familiar e, portanto, um arquivo de família que não se apresenta na forma de um patrimônio institucionalizado, mas como um conjunto de referências da memória particular, conjunto esse que, muitas vezes, encontra-se disperso em armários, gavetas, caixas reclamando significação, uma significação que muitas vezes é mantida no anonimato, permanecendo no espaço privado, distanciando-se da circulação pública.

Indo além e de acordo com o conceito de arquivo proposto por Pêcheux (1997), podemos interpretar os sentidos que as fotos constroem, considerando a história e a memória, ou seja, interpretar como os sentidos sobre a mulher foram construídos historicamente e, pelo acesso à memória discursiva, podemos analisar essa tessitura textual ao longo de cinco décadas.

Se é assim, é possível percorrer e rastrear sujeitos e modos de produção dos sentidos a partir das consultas e investigações feitas em várias visitas a um arquivo de fotos familiares. É no movimento da permanência e da ruptura, da continuidade e do enfrentamento com os sentidos dominantes sobre a imagem feminina, que iniciamos a análise de fotografias de três gerações de mulheres da mesma família, interpretando a imagem e as anotações feitas à mão no verso das fotos. Como registro das condições de produção de um saber sobre, um poder de e um dizer de si mesmas.



Figura 1 - Lembrança do batizado do Celso - casa de Barra Bonita, 1966

A primeira pista que nos chamou a atenção foi a posição das mulheres, nas fotos. Todas estão enfileiradas e, como sabemos, a fila tem uma conotação de manter a ordem, a disciplina, um posicionamento desejado para que a desordem não se instale. Apesar disso, as fotos analisadas nos permitem interpretar a fila de várias maneiras.

A primeira foto, em preto e branco, com mulheres dos anos 1950 e 1960, confirma o sentido de fila comentado, pois sugere a ordem, a seriedade que era esperada dessa mulher, com poucos movimentos, um posicionamento recatado e discreto, o que pode ser constatado, também, pelas roupas fechadas, abotoadas, alinhadas no mesmo comprimento; os cabelos bem penteados, arrumados, garantindo a disciplina; as mãos para baixo, marcando a boa postura. A cobertura do corpo e a pele escondida figurativizam também uma voz que, velada sob as camadas de tecido, inscreve a seguinte formulação ao falar desse tempo e de si mesma:

"Lembrança do batizado do Celso- casa de Barra Bonita, 1966"

A indicação da cerimônia do batizado marca o apego que se tinha à instituição religiosa e à ordem familiar, dois norteadores da vida feminina nesse período. O fato de marcar as lembranças, atrás da foto, tenta eternizar, por meio da escrita e não apenas da imagem, o tempo das tradições comemorativas que as constituía, em encontros familiares de batizados, casamentos e velórios.

Há um total apagamento do nome das mulheres e de sua identidade, em

lugar deles, há o registro da cidade e da casa, fixando uma nomeação do espaço a que ela ficava restrita, onde era autorizada a circular e no qual se sentida verdadeira dona, dona do lar.

Para essa mulher, os poucos sentidos permitidos já eram ditados desde a infância, ser mulher era seguir uma cartilha de bons modos, adequados comportamentos, prendas domésticas, enfim, ser mulher equivalia a viver uma situação de servidão em relação ao homem, ao poder dele como provedor material (chefe da casa) e como garantia da família (o nome do pai ou do marido). O portão aberto parece indiciar que o tempo que elas têm para ficar fora de casa é o tempo exato de serem fotografadas; após esse momento, todas devem ir para dentro. Sim, dentro. Este advérbio de lugar marca com bastante justeza a posição que a mulher dessa época ocupava, a saber, dentro de casa, dentro da família, dentro dos colégios internos, dentro de um pequeno grande mundo que a sociedade tentou controlar durante séculos, fechando essa mulher na clausura da esfera privada; tolhendo sua possibilidade de participação social, de direito ao voto, de igualdade trabalhista, de decidir se queria casar, ou não, se queria ser mãe, ou não, se queria estudar.

Ah! Estudar, quem dera, esse foi o sonho de tantas mulheres que precisaram esperar sua próxima geração para poder, por meio de suas filhas, realizar o tão abafado desejo. Embora as adversidades tenham sido muitas, essa mulher não desistiu, tecendo silenciosamente uma outra história e uma outra posição para o feminino, que seria contada, mais tarde, por suas filhas, netas, bisnetas.

E assim aconteceu, uma nova geração desponta na década de 1970, afetada por condições materiais derivadas dos movimentos da contracultura, hippie, feminista, colocando em evidência temas que antes estavam silenciados pela formação católica e pelos princípios da moral, norteadores do comportamento da maioria delas. Emancipação política, pílula, liberdade sexual, paz e amor não eram apenas slogans ou bandeiras da época, tornaram-se significantes determinados por um novo momento histórico com contradições, demandas e embates

nos quais se inscreve uma outra ordem do feminino e outra imagem e representação para a mulher. Ganha maior força na década seguinte, momento em que a mulher pode sorrir, pode ousar nas roupas abertas, desabotoadas e saltos altos; nos cabelos desalinhados, soltos ao vento, indisciplinados; nos gestos; na postura irreverente. Ela pode sair do chão e subir na mureta da casa (como se isso simbolizasse sua ascensão social) e manter a porta fechada, pois o tempo que essa mulher pode ficar do lado de fora, já não é tão controlado.

Agora, ela começa a ocupar o lado de fora da casa, pois pode estudar, trabalhar, disputar vagas com os homens, o que pode ser lido também pelo uso da calça comprida, decidir sobre a maternidade ou o aborto, enfim, sair da condição de servidão e assumir-se como sujeito do fazer, pensar e dizer. Nesse momento, é válido interpretar a imagem e a formulação da segunda fotografia:



Figura 2 - Mais um jantar da nossa turma - 1980

A formulação nos indica a frequência com que os encontros dessas mulheres eram vivenciados, constituindo uma identidade que se manifesta linguisticamente pela indicação da “nossa turma”, o que cria um imaginário de pertencimento entre esses sujeitos, a ponto de se anunciarem na ordem do “nós” e não na ordem do eu.

O uso do advérbio “mais” é um indício de que esse tipo de encontro era comum para essas mulheres, que podiam frequentar restaurantes, casas de amigos, locais públicos para se encontrar, comer e se divertir em grupo, marcando a existência de uma vida social fora do espaço da casa. O significativo “jantar” aponta que não se tratava de um almoço, de um lanche ou de um chá

da tarde, mas sim de um encontro noturno, e que, em última instância, coloca em funcionamento a permissão, a liberdade de sair no período da noite.

Mas o primeiro indício que nos chamou a atenção, nas fotos, foi que, apesar de toda essa mudança, as mulheres continuam em fila e, em frente à casa. No entanto, nessa foto, observamos um deslizamento de sentido, visto que a fila não está em ordem. Pelo contrário, há uma subversão da ordem e da seriedade da primeira foto, registrando uma ruptura com as boas maneiras e a submissão tão cobradas das mulheres das gerações anteriores, o que é sugerido pelo corpo em movimento, os braços abertos, levantados, para trás, as mãos erguidas, como se essas mulheres estivessem comemorando. Talvez elas, tão jovens, ainda não soubessem o tanto que tinham para comemorar e o tanto que ainda teriam que continuar a insistir por mudanças.

As conquistas não pararam aí. Uma outra geração de mulheres, ainda mais ousadas, netas das primeiras, decidem mostrar os corpos, quase nus, deitados na areia, também enfileirados. Contudo, se constatamos uma ruptura na fila da segunda foto, cujas mulheres ainda mantinham os corpos cobertos e em pé, nessa terceira, então, há um rompimento total com a marcação explícita do controle que a sociedade exercia sobre a mulher, a começar pelo corpo, sempre coberto e dentro de algum lugar, de preferência, a casa.



Figura 3 - Corpos bronzeados em férias no sul, 1987

Aqui, à mostra, o corpo e o sorriso indiciam uma desenvoltura, fruto da década de 1980/90. A mulher se expõe, em céu aberto, fazendo pose para a

foto, ou seja, quer registrar esse momento, com o corpo deitado, mas a cabeça erguida, numa posição de enfrentamento, de assunção de um lugar que lhe permite fazer o que quiser, ir aonde quiser, sem limites, o que pode ser representado pela linha do horizonte. Aqui, não temos mais portões abertos, esperando que elas entrem, nem portas fechadas, que apesar de permitirem a saída, marcam que há um lugar para a volta. Nesse momento, a casa não é mais a ancoragem dessa mulher, pois ela saiu para a vida, para novas conquistas no espaço público, como o movimento das ondas do mar, que nunca se interrompe. E nesse novo lugar, ela inscreve uma outra discursividade, em que o poder dizer se manifesta assim:

“Corpos bronzeados em férias no sul, 1987”

Pela primeira vez, o corpo pode ser mostrado, bronzeado, banhado pelo mar e pelo sol, mostrado em público e significar, ainda que e, principalmente, pela sua nudez. O fato de viajar com as amigas evidencia uma liberdade ainda maior do que frequentar jantares, visto que é possível viajar sem a tutela do pai, do namorado ou do marido, deslocando-se para outro estado e enfrentando, sozinha, o desafio e o preço da sua própria emancipação.

Essa mulher despojada de roupa, de casa e de um lugar determinado, confirma, de acordo com os pressupostos da Análise do Discurso, que os sentidos não estão prontos, nem predeterminados, mas sim, são construídos historicamente. E, sendo assim, não podemos escamotear uma outra interpretação, ligada ao fato de a mulher, apesar de ter se libertado de algumas amarras, tornou-se refém da indústria de consumo especialmente, dos cosméticos e da beleza, que ditam os padrões da moda que capturam, de uma outra forma, a mulher do final do século XX e início do século XXI, ou seja, a preocupação com o corpo, com a boa forma, com a moda.

Conforme a AD, asseguramos que só com o acesso ao interdiscurso é possível compreender a construção de novos sentidos em determinado contexto sócio-histórico, visto que, a mulher posicionada em fila, isto é, estando

na mesma posição fisicamente, em cada época dos textos analisados, permitiu-nos diferentes gestos de interpretação, posto que instala uma posição discursiva diferente. Esse trajeto de corpos e letras, enfileirados e estáticos traduzem movimentos de sentidos e significam efeitos sobre o feminino, nos remetendo novamente à epígrafe de Saramago, mas agora retomando-a às avessas, posto que certamente o médico e o velho da narrativa as veriam agora, em seu espantado gesto de emancipação, cujo movimento provoca e corporifica efeitos de conquistas.

5 Do branco e preto ao colorido:

os sentidos sobre o feminino não se fecham

O passeio pelas imagens e enunciados aqui interpretados nos colocam diante de um imaginário e de um discurso sobre o feminino, em que o espaço da mulher foi contado e corporificado a partir dos lugares e posições que lhe eram reservados, atribuídos e destinados na ordem social. Ler os indícios dessa discursividade é de suma importância para a compreensão de que os sentidos têm memória, enredam-se a partir de condições sociais e de uma tensa disputa por espaços de dizer e de poder. Também é peça-chave para entender a linguagem como território de embates e enfrentamentos, ora para romper a fila domesticadora dos sentidos dominantes, ora para subir na mureta e alardear novos sentidos, ora para alterar completamente a ordem da fila, rompendo até mesmo com a sua composição visual e tornando-a horizontal. Sustentamos, apoiadas na Análise do Discurso de matriz francesa, que não há um sentido, mas efeitos de sentido, vários, plurais e diversos, sempre construídos por gestos de leitura e interpretação de um sujeito que ocupa determinada posição social. Por isso, parece-nos interessante ressaltar que fizemos uma leitura marcada pela nossa condição de pesquisadoras, posição em que os sentidos sobre o saber e o poder circulam de uma determinada maneira; entretanto não podemos deixar de lembrar que ainda hoje, no Brasil, há mulheres que

continuam enfileiradas, presas a uma outra ordem de clausura simbólica e imaginária, a saber, a violência doméstica, o abuso sexual, a dependência financeira, a prostituição infantil etc. Ainda que vestidas de maneira moderna, inseridas na esfera pública e constituídas como mão de obra ativa, elas se inscrevem naquele lugar em que parecem ter um dono, um poder alheio e sustentador de tiranias diversas que as controla, muitas vezes marcando-as com bofetadas.

Assim, concluímos esse artigo dizendo que o trajeto do branco e preto ao colorido não cessa de continuar a ser tecido, escrito, fotografado e discursivizado, visto que, como os sentidos e os atos de linguagem, ele não se encerra. Embora os arquivos aqui analisados condensem pequenos territórios da memória particular de uma dada família, eles dialogam com questões conjunturais da vida social, com regiões de poder permitidas e interditadas e com formas de o sujeito inscrever-se na linguagem e na memória. Por isso, julgamos ser fundamental abrir outros, vários, pequenos e anônimos arquivos que, longe das instituições e dos acervos oficiais, tramam sentidos que precisam ser recuperados e (re)significados.

Memory and archive: family photographs producing meanings on the feminine

ABSTRACT

This article aims at discussing the role of memory and the constitution of the archive from the perspective of discourse, on the woman's trajectory, from the 50's to the 90's. We interpreted some hints in family pictures, picked inside a private collection, belonging to a family from the interior of São Paulo, based on the works of Ginzburg, Pêcheux and Orlandi. There were sentences and inscriptions on the back of the chosen pictures, that motivated the analysis of the meanings built on the feminine, along three generations of grandmothers, mothers and daughters. They made us believe that the theory of discourse can offer a punctual contribution to the studies on the places where and the manners in which memory condenses and is materialized. The corpus of our analyses allows us to infer that there were meaning slidings in discourse and in the image of/about the woman, primarily linked to home

and traditions; then, linked to the sky and the horizon, possible spaces of meaning and ways to break those meanings that tied her only to private life.

KEYWORDS: Archive. Memory. Discourse. Ideology. Meaning. Women.

La memoria y el archivo: fotografías de familia produciendo sentidos sobre lo femenino

RESUMEN

Este artículo objetiva discutir el papel de la memoria y la constitución del archivo en la perspectiva del discurso, teniendo como tema la trayectoria de la mujer en las décadas del 50 al 90. A partir de los trabajos de Ginzburg, Pêcheux y Orlandi, interpretamos algunos indicios en fotos de familia recogidas dentro de un acervo particular de una familia del interior de São Paulo. En las fotografías escogidas había enunciados e inscripciones en el verso, que nos invitaran a analizar los sentidos construidos sobre lo femenino, en tres generaciones de abuelos, madre e hijas y que nos han hecho creer que la teoría del discurso puede ofrecer una contribución puntual a los estudios sobre los lugares y los modos como la memoria se condensa y se materializa. El *corpus* de nuestros análisis permite inferir que hubo deslizamientos de sentido en el discurso y en la imagen de/sobre la mujer, en principio ligada a la casa y a las tradiciones, después, ligada al cielo y al horizonte, espacios posibles para significarse y para romper con sentidos que la ligaban tan solo a la vida privada.

PALABRAS-CLAVE: Archivo. Memoria. Discurso. Ideología. Sentido. Mujer.

Referências

BELLOTTTO, Heloísa Liberali. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GNERRÈ, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1989.

MULLER, FEITH; FRUIN, Súmula dos princípios orientadores enunciados no Manual Holandês (1898) In: SILVA, Armando Malheiro da Silva; RIBEIRO, Fernanda; RAMOS, Júlio; REAL, Manuel Luís. **Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação**. Porto: Afrontamento, 2002. P.117-119.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas, SP: Pontes, 1996.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E.P. (Org.). **Gestos de leitura**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. (Org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1969.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SILVA, Armando Malheiro da Silva; RIBEIRO, Fernanda; RAMOS, Júlio; REAL, Manuel Luís. **Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação**. Porto: Afrontamento, 2002.

Soraya Maria Romano Pacífico

Professora Doutora do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP

Lucília Maria Sousa Romão

Professora Doutora do Curso de Ciências da Informação e da Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP